

A RELAÇÃO PROFESSOR REGENTE-ESTAGIÁRIO E O USO DO LIVRO DIDÁTICO

Aline Luiz Prestes (UEL)

Ana Cristina Pereira da Silva (UEL)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise reflexiva acerca das experiências e atividades durante a realização da disciplina - Prática de ensino de língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa II: Estágio. O estágio foi realizado em dupla, em três turmas de 1º ano, em uma escola pública de Londrina. Ao longo deste trabalho foi possível considerar a importância e as contribuições do estágio curricular obrigatório na formação de professores, pois é a partir do estágio que o futuro docente colocará em prática o que aprendeu e viverá a realidade da educação pública de maneira completa. Ao longo das observações e participações efetivas em sala de aula, foi possível observar e identificar a forma como o livro didático foi trabalhado e como essa prática interferiu na relação professora regente - estagiárias, durante o período de estágio realizado. Trata-se de uma pesquisa pautada na observação/participação que busca refletir sobre a ação. Por fim, foi possível perceber que algumas práticas geraram alguns conflitos, e o que poderia ter sido um grande aliado, capaz de conduzir a aprendizagem para a construção de conhecimentos, o uso ineficiente do livro didático resultou em diversas problemáticas em sala de aula.

Palavras-Chave: Livro Didático; Estágio Curricular Obrigatório; Relação Estagiário – Professor Regente.

Introdução

O estágio curricular obrigatório foi realizado em dupla em três turmas de 1º ano, de uma escola pública de Londrina, com a orientação do supervisor de estágio Prof^o Dr Vladimir Moreira. A partir das práticas e vivências do estágio supervisionado, é possível considerar e evidenciar a importância dessa fase para a formação integral, quando os estudantes colocarão em prática o que aprenderam de forma teórica durante a graduação (MAFUANI, 2011). Ademais, conforme Tracz e Dias (2006), o estágio pode ser compreendido como

[...] uma atividade que pode trazer imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito à sua formação, certamente trará resultados positivos, além de estes tornarem-se ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da universidade. (TRACZ e DIAS, 2006, p. 2)

Baseando-nos na descrição de Tracz e Dias, observamos de forma clara e positiva a realização da prática de estágio, além dos benefícios para o estagiário e também para a sociedade como um todo.

A prática de estágio deve ser bem associada a uma metodologia, que irá embasar as reflexões e ações do futuro docente, a conjunção reflexão-ação auxiliará o profissional em momentos que irão solicitar decisões imediatas em sala de aula.

Este artigo tem como objetivo ressaltar a observação da forma como foi trabalhado o livro didático em sala de aula e como entendemos que deve ser usado, uma vez que há um conflito entre nossas análises em sala de aula e as pesquisas e a prática propriamente dita. E por fim a relação entre estagiárias – professora regente, destacando como o uso do livro didático interferiu nessa relação.

1. O uso do Livro didático e a experiência no estágio curricular obrigatório

Na primeira semana de observações, a professora regente trabalhou com os alunos gêneros textuais, sendo que os conteúdos eram aplicados no quadro e em seguida eram propostos aos alunos atividades do livro didático. O que muito nos chamou atenção foi a maneira com a qual era trabalhado o livro didático, observamos como a professora regente e também os alunos fugiam totalmente das orientações dadas pelas diretrizes.

O livro didático nada mais é que uma ferramenta pedagógica que auxilia o professor durante as aulas, ele é considerado também uma importante fonte de trabalho, além de auxiliar o professor no processo de alfabetização do aluno. De acordo com os documentos oficiais:

[...] o livro didático brasileiro, ainda hoje, é uma das principais formas de documentação e consulta empregados por professores e alunos. Nessa condição, ele às vezes termina por influenciar o trabalho pedagógico e o cotidiano da sala de aula (BRASIL, 2003).

É necessário que antes do uso do livro didático o professor conheça previamente as estruturas, propostas e possibilidades que o mesmo oferece. Sendo assim, faz-se necessária a participação do professor na escolha do livro didático, como é sugerido nos principais objetivos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O livro didático é utilizado a fim de orientar e auxiliar o professor em suas práticas pedagógicas, ele serve como instrumento de apoio para o trabalho docente, tornando suas

aulas mais didáticas, dinâmicas, fazendo com que em algumas situações de trabalho fique mais fácil e ágil.

Durante as observações nas três turmas onde o estágio foi realizado, notamos que o livro didático era utilizado como um roteiro, seguido de forma rigorosa, sem que houvesse a utilização de outros materiais como, mídias, revistas, jornais e afins.

Ao término de cada sessão de exercícios, os mesmos eram corrigidos oralmente, a professora regente lia os exercícios e logo em seguida dava a resposta correta, sem ao menos explicar o exercício, o porquê de tal questão estar correta e as outras alternativas incorretas. Por diversos momentos, os alunos indagavam a professora regente a respeito das questões, entretanto as dúvidas não eram sanadas de forma clara.

Outro aspecto observado foram as longas páginas que os alunos faziam de cópias de conteúdos que posteriormente seriam explicados de maneira breve e superficial, finalizando depois com outras sessões de exercícios. Notamos que a relação que os alunos mantinham com o livro didático era um tanto quanto problemática, exercícios aleatórios ao conteúdo, cópias de longas páginas, faziam com que essa interação entre ambos ficasse cada vez mais conflituosa. Sobre essa questão reiteramos Santos e Carneiro (2006), quando afirmam sobre o livro didático que:

[...] a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo a repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessárias. (SANTOS e CARNEIRO 2006, p. 206)

As afirmações de Santos e Carneiro (2006) tornam-se um tanto quanto utópicas quando nos deparamos com muitas realidades que encontramos. O que deveria permitir essa interação da experiência do aluno com o mundo exterior tem se tornado apenas um objeto de reprodução mecânica, com o qual nada se aprende.

A fim de melhorar essa realidade, no período de regência montamos planos de aula que propunham atividades pouco corriqueiras aos alunos, entretanto mantivemos o livro didático na tentativa de estreitar a relação entre ele e a classe. Além disso, propusemos aulas expositivas, atividades com revistas e jornais.

No início da regência, o assunto proposto foi “Variação Linguística”. Analisando o livro didático, observamos diversas páginas destinadas ao conteúdo que poderiam nos auxiliar. Na primeira aula, levamos os alunos até a sala de mídia, onde preparamos uma aula expositiva, com slides acerca da origem da língua portuguesa, diferenças entre o português do Brasil/português de Portugal e sobre variação linguística.

Os slides traziam imagens ilustrativas, tirinhas, causos, HQ e expressões a fim de exemplificar os tipos de variações existentes. Durante as explicações, por meio de slides, os alunos eram orientados a anotarem o que julgavam importante sobre o conteúdo explicado. Por fim, foi exibido um vídeo para mostrar de forma audível e visual as diferentes variantes da língua portuguesa existentes no Brasil.

Na aula seguinte, iniciamos com a retomada do conteúdo apresentado na aula expositiva e, em seguida, propusemos atividades no livro didático referentes ao conteúdo, que ao término foram corrigidas de forma oral, com a leitura das questões e a verificação no quadro.

Ao fim de nossa regência, os resultados que obtivemos com a interação entre o livro didático e os alunos foram muito satisfatórios, tivemos a participação de 100% das turmas, questionando e demonstrando total interesse sobre o conteúdo abordado.

Durante o período de observações e regência, notamos como o livro didático é uma importante ferramenta no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem, entretanto o que temos visto é que ele tem sido usado de forma inadequada e repetitiva, equiparando-se a um manual.

O livro didático deve ser visto como um instrumento cheio de conhecimentos, repleto de sugestões para alunos e professores irem além, construindo uma ponte entre o aluno e as experiências do mundo exterior.

2. A relação professora regente – estagiárias diante do uso do livro didático

O uso recorrente do livro didático pela professora regente, como um roteiro, trouxe-nos algumas dificuldades durante o período de estágio curricular obrigatório.

Nas três turmas de primeiros anos do ensino médio em que estagiamos, os alunos demonstravam pouco interesse pela disciplina. As aulas eram mecânicas e os alunos pareciam

não ter vontade de participar das aulas. Como já dito, a falta de explicação, de interação, de mediação do conteúdo com as experiências do mundo exterior acarretaram alguns problemas em sala de aula. Vivenciamos o que Casali et ali (2012) explicitaram ao abordar que

[...] o choque entre a metodologia utilizada pelos professores regentes (talvez mais tradicionais e mais expositivas, baseadas em uma forma sistemática de dar aulas) e a necessidade dos estagiários em inovar (dinamizando as aulas tentando não torná-las enfadonhas). Essas diferentes posturas podem ser positivas, pois alguns dos professores sentem necessidade de renovação (outros não aceitam, gerando conflitos) e acreditam que os estagiários podem trazer novas metodologias e críticas construtivas, como apontam vários questionários. Essa relação é difícil de ser administrada, mesmo assim é importante ambos trabalharem em conjunto buscando um equilíbrio. (CASALI et ali, p. 815, 2012).

A experiência vivenciada em nosso estágio curricular obrigatório não foi positiva no sentido da relação estabelecida com a professora regente. Conforme Casali et ali (2012), a metodologia utilizada pela professora de usar apenas o livro didático de forma mecânica e a nossa necessidade de aplicar o que aprendemos na teoria, buscando trazer aulas mais dinâmicas e mais interativas, gerou um conflito nessa relação.

Os alunos participavam e demonstravam interesse nas atividades propostas, durante o período de regência. A professora regente apresentou resistência a algumas atividades que propomos, visto que a didática utilizada por ela revelava um aspecto mais tradicional e expositivo.

O choque entre as metodologias fez com que a relação professora-regente -estagiárias se tornasse conflituosa, uma vez que durante as aulas a docente interferia, tentando modificar as aulas planejadas por nós, como por exemplo, não deixando que fizéssemos atividades em grupo, ou atividades que os alunos tivessem que falar para a turma toda o que produziram.

Ao pensarmos no estágio como um momento para o desenvolvimento de habilidades que serão necessárias ao saber docente, devemos nos voltar também para as discussões teórico-metodológicas que abrangem esta temática. A metodologia, como ponto de partida, é motivo de grande choque entre professores e estagiários, onde ideias e propostas muitas vezes não encontram um ponto comum [...] (CASALI et ali, p. 812-813, 2012).

Libâneo (1992) alerta para a inexistência de um único método de ensino, e sim de vários métodos que devem ser escolhidos pelo professor, levando em consideração os conteúdos das disciplinas, as situações didáticas e as características de desenvolvimento

mental e socioculturais dos alunos. Pautadas nas ideias de Libâneo (1992) e das contribuições de muitos pensadores da educação que estudamos durante toda a graduação e dos documentos que regem a educação brasileira, planejamos nossas aulas a fim de atingir os objetivos do ensino de português, utilizando diferentes métodos em nossas aulas.

O livro didático não pode pautar as escolhas de conteúdo e nem de metodologia, o professor não pode esperar que o livro didático abarque todo o ensino de língua portuguesa, por melhor que seja o livro ele não contempla um ensino satisfatório, nem como metodologia e nem como conteúdo.

[...] o professor precisa analisar os textos, verificar como são enfocados os assuntos, para enriquecê-los com sua própria contribuição e a dos alunos, comparando o que se afirma com fatos, problemas, realidades da vivência real dos alunos. Seria desejável que os professores se habituassem a fazer um estudo crítico dos livros didáticos para analisar como são tratados temas com o trabalho, a vida na cidade e no campo, o negro, a mulher, a natureza, a família, e outros. (LIBÂNEO, p. 140, 1992)

É preciso usar o livro didático como um suporte. Diante disso, durante a regência, trabalhamos com o livro didático em duas aulas, selecionamos partes relacionadas aos conteúdos que eram mais interessantes e seriam melhor aproveitadas pelos alunos. Lemos e corrigimos oralmente com a turma tudo o que estava proposto no livro didático, bem como permitindo que relacionassem as atividades trabalhadas no livro com outras atividades feitas anteriormente.

A experiência proporcionada por esse período de estágio foi de grande importância e nos fez refletir sobre como as práticas em sala de aula geram um abismo entre o professor-regente e o estagiário, uma vez que um espaço que era de troca de experiências, de aprendizado de ambas as partes e de conjugação de teoria e prática se torna um espaço de conflito.

Reconhecemos que o Estágio é o espaço onde o estudante pode refletir criticamente sobre a reflexão-ação, sobre a relação entre a teoria e a prática. O Estágio é o período de descobertas sobre a profissão, é o espaço onde o aluno estagiário tem oportunidades para desenvolver seu crescimento pessoal e profissional. (CARVALHO; LIMA; p. 5, s/d)

Mesmo com muitas dificuldades e com uma relação conflituosa no período em que estagiamos, em que fomos pouco amparadas pela professora regente, o objetivo da disciplina

foi atingido. O estágio proporcionou-nos reflexão sobre a ação e permitiu nosso desenvolvimento e crescimento profissional à medida que pudemos compreender que a teoria e a prática nem sempre estão juntas nas salas de aulas.

Perceber esse distanciamento entre a teoria e a prática no período de estágio foi primordial para entendermos, na prática, que determinadas metodologias que se distanciam da teoria geram conflitos na relação professor regente – aluno e professor regente – estagiário.

Para Casali et ali (p. 816, 2012), “a questão acerca das divergências entre as teorias aprendidas na universidade e a prática do estágio é relevante e delas surgem discussões necessárias à docência”. Concordamos com essa ideia e pudemos compreendê-la na prática, pois as divergências que tivemos durante o estágio abriu espaço para muitas discussões com nossos colegas de turma, futuros profissionais, como nós, e também com os professores da área.

Nem sempre uma experiência positiva acrescenta-nos conhecimento. No nosso caso, a experiência conflituosa que tivemos em relação as diferentes metodologias, também nos levou à reflexão-ação-reflexão e contribuiu para a formação da nossa identidade profissional.

Considerações finais

As experiências que tivemos no nosso primeiro contato com o Ensino Médio foram o oposto das experiências vivenciadas o ano passado, no Ensino Fundamental. Nós não imaginávamos antes de realizarmos os estágios, nem nas nossas melhores expectativas, o quanto esse momento de nossa formação seria tão agregador em nossa formação.

Fomos de um extremo ao outro, no ano passado, a proximidade da prática docente da professora regente do ensino fundamental, nos fez ver o quanto é possível, na escola pública, existir um ensino de qualidade. Já nesta experiência, relatada neste artigo, a distância entre teoria e prática também nos ensinou muito e contribuiu para nossa formação e para constituição de uma identidade enquanto futuras professoras de Língua Portuguesa.

O distanciamento entre teoria e prática, bem como as metodologias que não estão de acordo com os estudos na área da metodologia, permitiu-nos ver um distanciamento também nas relações professor regente – aluno e professor regente – estagiário. Esse distanciamento interfere diretamente no ensino-aprendizagem dos alunos.

Os conflitos gerados pelo choque entre as metodologias da professora regente e das estagiárias mostrou também uma aproximação na relação dos alunos com a disciplina e conteúdos ministrados. A metodologia mecânica e tradicional contemplada pela regente mostrou-nos um distanciamento dos alunos com a disciplina.

A partir disso, é possível confirmar o quanto uma metodologia que envolva os alunos, que atente para as suas necessidades e que esteja voltada para o conhecimento prévio desse aluno, bem como para as suas experiências, é essencial para o processo de ensino-aprendizagem e para assimilação de conhecimento por parte dos alunos.

O livro didático é extremamente importante dentro de sala de aula, desde que utilizado de maneira adequada, como um suporte para as aulas de língua portuguesa. Ao final da regência ficou claro como a relação dos alunos com o próprio livro didático foi satisfatória, visto que o livro foi apenas um dos momentos de uma sequência didática dinâmica e que contemplou os interesses e o conhecimento prévio dos alunos.

Referências

BRASIL. MEC - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Projeto de avaliação dos livros didáticos da 1ª à 4ª série**. v. 2. Brasília: MEC, 2003. 275p

CARVALHO, M. B. O.; LIMA, M. S. L. Aprendendo e Construindo a docência: estágio na sala de aula. Disponível em: <http://www.repositoriobib.ufc.br/000014/00001403.pdf>. Acesso em 28 ago. 2019.

CASALI, M. O. et ali. **Professores e estagiários: um conflito em potencial**. Aedos n. 11 vol. 4 - Set. 2012. pp 810-830. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30746/20906>. Acesso em: 28 ago. 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 20 Fev. 2015

SANTOS, W. L.; CARNEIRO, M. H. S. **Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios**. In: Contexto e Educação: Ano 21. Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí. 2006.

TRACZ, M.; DIAS, A. N. A. **Estágio Supervisionado: um estudo sobre a relação do estágio e o meio produtivo.** 2006.